



ENSINO DE FILOSOFIA NO ENSINO FUNDAMENTAL: ESTRATÉGIAS DE ENSINO E REFLEXÕES DURANTE O NOVO NORMAL (A PANDEMIA)

TEACHING PHILOSOPHY IN FUNDAMENTAL EDUCATION: TEACHING STRATEGIES AND REFLECTIONS DURING THE NEW NORMAL (PANDEMIC)

BORGES, Ricardo de Moura¹

RESUMO

O presente artigo busca evidenciar as estratégias de ensino de filosofia no ensino fundamental de uma escola da rede particular de ensino na cidade de Picos-PI. Com a pandemia do Corona-Vírus (Covid-19), foi-se necessário pensar em novas estratégias para o ensino aprendizagem. Desta feita destacamos o uso de um blog O Corujinha em Ação, onde os alunos apresentaram desenhos referentes as temáticas filosóficas, assim como paródias de filósofos.

Palavras-chave: Ensino de filosofia. Blog Corujinha em ação. Covid-19. Estratégias de ensino.

ABSTRACT

This article seeks to highlight the teaching strategies of philosophy in the elementary school of a private school in the city of Picos-PI. With the Corona-Virus pandemic (Covid-19), it was necessary to think about new strategies for teaching and learning. This time we highlight the use of a blog O Corujinha em Ação, where students presented drawings referring to philosophical themes, as well as parodies of philosophers.

Keywords: Philosophy teaching. Blog Corujinha in action. Covid-19. Teaching strategies.

¹ Graduado em Licenciatura em Filosofia pelo Instituto Católico de Estudos Superiores do Piauí- ICESPI (2015). Graduado em Sociologia pelo Centro Universitário Internacional Uninter (2020). Graduado em Licenciatura em História pela Universidade Federal do Piauí, campus Senador Helvídeo Nunes de Barros em Picos – PI (2016). Especialista em Filosofia pela Estácio de Sá (2018). Mestrando em Sociologia (Programa ProfSocio) pela Universidade Estadual do Vale do Acaraú – UVA, Sobral – CE. Professor de filosofia na rede particular de ensino. CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9110148245859195>.



Introdução

Este trabalho busca evidenciar a estratégia de ensino de filosofia no ensino fundamental realizada com alunos do 6º ao 9º ano em que realizaram pesquisas criativas por meio de exposição de desenhos e paródias, assim como refletir sobre a situação de pandemia que estamos vivenciando, destacando a importância do ensino EaD, como também apontando os desafios encontrados pelo professor do século XXI, que agora é conhecido como professor mediador.

Com a situação atípica em que estamos vivenciando em nossa contemporaneidade, fala-se muito de aulas remotas, onde o professor se desdobra em diversas atividades. Parece que o trabalho do mesmo triplicou: os cômodos da casa viraram ambientes de trabalho, não precisa deslocar-se fisicamente, basta ligar o celular, ou notebook conectar a plataforma de ensino, ou utilizar as redes sociais como o instagram e pronto. Você está apto para exercer sua função docente. Simples assim!

Esse simples trouxe diversas implicações sociais, dentre elas destacamos, as atividades exaustivas em que o professor se submete os recursos desde energia elétrica, internet, computadores de boa qualidade, até psicológicos, onde o mesmo deve se adequar constantemente ao novo “normal”, adaptando-se a realidade das tecnologias digitais rapidamente.

O cansaço passa não a ser apenas físico, mas também sofre articulações mentais, onde o mesmo agora se desloca do estado de professor, para ser um eterno aprendiz, pois para manusear as ferramentas digitais debruça-se sobre os tutoriais, vídeos aulas, e quando damos conta, os próprios alunos passam a nos ensinar como gravar e editar vídeos.

Essa perspectiva nos faz refletir sobre o fazer docente. Se antes nossos mestres eram os detentores do conhecimento absoluto, agora temos essa troca constante de aprendizagem, onde o formado em

filosofia, atual professor debruça-se como um eterno aprendiz. Este recebeu da universidade o instrumental necessário, dominando conteúdos, conceitos, mas percebe que para que haja uma aprendizagem significativa é necessário uma relação dialética, ou seja, o sujeito aprendiz, no caso os estudantes devem fazer as perguntas certas para o objeto conhecido, e por meio de suas investigações filosóficas começaram a entender o objeto. Como salienta:

[...] já não é tida como algo objetivo e passível de ser explicado em termos de um conhecimento que privilegia explicações da mesma em termos de causa e efeito. [...] A realidade é o compreendido, o interpretado e o comunicado (BICUDO, 1994, p. 18).

Nestas reflexões pensamos que é de fundamental importância olharmos para a escola, o aluno e o professor em seu contexto histórico, social e cultural, como nos ajuda a pensar Bicudo:

O que significa que não parte de proposições lógicas ou de teorizações sobre o aluno, a escola, a atividade docente e a aprendizagem, mas toma alunos e professores no modo como estão [...]. Portanto, na dimensão temporal e histórica daquela escola cujo significado se esclarece se olhada junto com o das outras escolas, com seus professores, teóricos da educação, governos, alunos, famílias, sociedade, cultura e história (BICUDO, 1999, p.12).

E o papel do professor? Este agora é o mediador, ou seja, propõe meios diversos para que esta aprendizagem se torne cada vez mais parte significativa do cotidiano dos estudantes. Como nos faz menção Gadotti:

O que é ser professor hoje? Ser professor hoje é viver intensamente o seu tempo com consciência e sensibilidade. Não se pode imaginar um futuro para a humanidade se educadores. Os educadores, numa visão emancipadora, não só transformam a informação em conhecimento e em consciência crítica, mas também formam pessoas. Diante dos falsos pregadores da



palavra, dos marqueteiros, eles são verdadeiros amantes da sabedoria, os filósofos de que os falava Sócrates. Eles fazem fluir o saber - não o dado, a informação, o puro conhecimento - porque constroem sentido para a vida das pessoas e para a humanidade e buscam, juntos, um mundo mais justo, mais produtivo e mais saudável para todos. Por isso eles são imprescindíveis. (GADOTTI, 2003, p.3).

Esta sensibilidade apontada pelo autor se faz de maneira ainda mais presente em momento do qual vivenciamos. Apontar meios criativos destacando as potencialidades dos sujeitos, tanto professores como alunos interagindo de forma mais dinâmica e ativa no processo educacional. Partindo deste pressuposto poderemos ver uma criticidade reflexiva mais viva e eficaz no meio dos sujeitos.

Desta feita, entendemos que por meio das mediações tecnológicas no processo de ensino aprendizagem, surgiu a criação do blog O Corujinha em ação onde o estudante pode de forma interativa dialogar com o processo de construção de sua própria aprendizagem.

O artigo, portanto está dividido nos seguintes tópicos: educação digital e EaD, uma realidade que veio para ficar? Novas formas de ensinar e aprender no processo de pandemia. Apresentação do blog de atividades dos alunos. E por fim uma conclusão onde salientamos as ideias principais que nortearam a pesquisa que culminou na elaboração desse artigo como uma proposta de repensar o novo “normal” em que estamos vivenciando.

Educação Digital e ensino EaD

Nossa proposta ao iniciar sobre esse tópico é demonstrar que essa realidade que em muitos casos apresenta-se ainda distante da realidade escolar, a cada momento vivenciado não pode mais ser encoberta. Sabemos que os espaços de meios digitais têm aumentado de forma vertiginosa nos últimos tempos. As tecnologias digitais de comunicação e Informação (TDIC's), passam por um processo de transformação e

avanço constante. Como nos informa sobre este conceito, Giannasi:

A definição mais comum de Sociedade da Informação enfatiza as inovações tecnológicas. A ideia-chave é que os avanços no processamento, recuperação e transmissão da informação permitiram aplicação das tecnologias de informação em todos os cantos da sociedade, devido a redução dos custos dos computadores, seu aumento prodigioso de capacidade de memória, e sua aplicação em todo e qualquer lugar, a partir da convergência e imbricação da computação e das telecomunicações (GIANNASI, 1999, p.21).

As escolas estão amparadas com as tecnologias do giz, pincel, quadro acrílico, Datashow, ou vez, por outra vem uma formação sobre o uso de uma lousa digital em que se é pouco usada, enquanto os alunos possuem em suas mãos smartphones que se toram obsoletos a cada semana que passa. Eis que cabe um repensar sobre essa questão, tendo em vista que possuir a ferramenta não é significado preciso de que sabemos manusear e estamos de acordo em descobrir todas as suas potencialidades. Assim, o ambiente escolar é um meio propício onde se pode mesclar o conhecimento trazido por esta, com a finalidade de trabalhar a tecnologia digital em favor de um ensino significativo.

Veza por outra, parece que de um lado estão os nativos digitais de um lado dominando todos os recursos digitais em seu favor, enquanto do outro se apresentam os imigrantes digitais que possuem seus diplomas acadêmicos, mas que não conseguem acompanhar as rápidas transformações trazidas pela tecnologia. Contudo, ao averiguarmos as situações do cotidiano com mais profundidade, percebemos que muitos classificados como geração de imigrantes, consegue sair do mero vislumbamento tecnológico, buscando meios para promover um ensino significativo, enquanto que também salientamos essa perspectiva presente nos nativos digitais.



Temos vídeos aulas, mapas mentais, um enorme acervo encontrado na internet, bastando dar um simples click. Se em décadas anteriores buscávamos as informações nas Barsas (enciclopédias), nos dicionários e nas bibliotecas físicas. Hoje bata dizermos aos nossos smartphones: Ok GOOGLE! E ele está pronto para nos ouvir e atender a todas as solicitações. Portanto, é uma realidade da qual não podemos mais fechar os olhos. Nesta sociedade da informação faz pertinente a pontuação de Miranda,

Na sociedade da informação, a comunicação e a informação tendem a permear as atividades e os processos de decisão nas diferentes esferas da sociedade, incluindo a superestrutura política, o governo federal, estaduais e municipais, a cultura e as artes, a ciência e a tecnologia, a educação em todas as suas instâncias, a saúde, a indústria, as finanças, o comércio e a agricultura, a proteção do meio ambiente, as associações comunitárias, as sociedades profissionais, sindicatos, as manifestações populares, as minorias, as religiões, os esportes, lazer, hobbies, etc.. A sociedade passa progressivamente a funcionar em rede. O fenômeno que melhor caracteriza esse novo funcionamento em rede é a convergência progressiva que ocorre entre produtores, intermediários e usuários em torno a recursos, produtos e serviços de informação afins. Os recursos, produtos e serviços de informação são identificados na Internet com o nome genérico de conteúdos (MIRANDA, 2000, p. s/p).

O outro ponto a ser destacado é o ensino a distância, este não é novo em nosso cenário. Quando as mídias de rádio e TV eram as únicas que predominavam, havia muitos comerciais com a propaganda de ensino EaD, por meio dos correios, ensino de fotografia, datilografia, violão, dentre outros cursos. A expansão do Ensino EaD, é uma realidade que ganhou muita visibilidade principalmente em tempos de Covid-19, que estamos vivenciando.

Vale destacar que houve uma descentralização dos espaços de construção do conhecimento. Não é apenas a

universidade, assim como os meios acadêmicos os únicos detentores produtores de conhecimento que deve ser apreendidos pelos estudantes.

Na educação EaD, percebemos também a necessidade de interatividade, onde o monólogo do professor, passa a ser repensado e discutido em um processo de diálogo com o estudante. Assim, segundo Bassani a educação EaD,

Nessa perspectiva, considerando-se que os ambientes de EAD devem possibilitar a interação entre diferentes sujeitos, um primeiro desafio consiste em permitir o acesso e a participação, independente da condição deste sujeito, deficiente ou não. Para tanto, entende-se que a discussão sobre aprendizagem na modalidade à distância deve também nortear estudos na área de desenvolvimento de interfaces acessíveis. (BASSANI, 2010)

Com o acesso globalizado do uso da internet, ou seja, com o seu avanço, dando a maioria da população o acesso por meio de uma conectividade (nem sempre rápida), meios de compra de computadores e celulares financiados em suaves prestações. O ensino EaD se potencializou, proporcionando graduações, pós graduações em diversos níveis de ensino. Houve um preconceito inicial ao ensino a distância, onde colocava-se em um patamar inferior ao ensino presencial. Contudo este preconceito foi sendo quebrado a partir de experiências que demonstraram a importância desta modalidade de ensino, como por exemplo, conseguir atingir locais físicos que a própria educação presencial não chegava. Assim, passemos a perceber as nuances que as novas formas de ensinar e aprender no processo da pandemia.

Novas formas de ensinar e aprender no processo de pandemia

A pandemia trouxe um novo repensar sobre nossas ações, um repensar que provocou respostas rápidas. A sociedade do consumo, da informação rápida, do



individualismo, fez com que em momentos de pandemia, não se estagnasse. Surgiram de imediato inúmeras catástrofes tais como, mortes aceleradas, contágios, desempregos, dentre outros aspectos, contudo, o ser humano teve que se reinventar nos trinta segundos do último tempo, adequando-se as novas situações.

Por mais que coloquemos a globalização como fator em que todos podem usufruir dos recursos produzidos pela humanidade, sabemos que as nossas regiões são totalmente fragmentadas, apresentando não uma homogeneidade apregoadada pela globalização, mas uma heterogeneidade evidente. Um exemplo claro e evidente podia ser evidenciado em tempos de uma educação formal dita como normal, ou seja, como estávamos habituados a conhecer. Quando um professor entra em uma sala de aula e faz um diagnóstico da turma, percebe que os sujeitos são múltiplos, diversos, com realidades sociais e econômicas outras. Essa diversidade deve ser levada em consideração em todos os momentos para que haja uma aprendizagem significativa.

Por aprendizagem significativa, colocamos uma aprendizagem onde o sujeito se reconheça no conteúdo que o mesmo esteja a estudar. Que seja motivado a caminhar pelos seus próprios pés, desenvolvendo autonomia e liberdade em seu processo de ensino. Este desgarrar não ocorre do dia para noite, mas sim é um processo que deve ser iniciado desde a tenra idade, para que ao desenvolver suas habilidades físicas, veja a escola como um caminho facilitador no processo de conhecimento.

O professor é outro ponto significativo de reflexão deste artigo, tendo em vista que é um ser em constante construção e transformação. Este está inserido na escola da vida, do mundo do trabalho, das relações sociais antagônicas. Não pode mais ser pensado como um ser a parte do meio social, detentor do conhecimento, em que via os alunos como

tábulas rasas. Mas agora, assumindo a perspectiva pedagógica da contemporaneidade, ou seja, Histórico-Crítica pode usar desse meio par um eterno repensar. Não está mais estático, estagnado na realidade docente, mas sempre se atualizando. Como nos diz Batista e Lima,

Professores e alunos são considerados agentes sociais, chamados a desenvolver uma prática social, centrada não na iniciativa do professor (pedagogia tradicional) ou na atividade do aluno (pedagogia nova), mas no encontro de seus diferentes níveis de compreensão da realidade por meio da prática social comum a ambos. (BATISTA e LIMA, 2012, p. 7)

As horas de trabalho triplicam, pois se antes a jornada era de oito horas diárias, temos o nosso chefe dormindo conosco em nossos celulares. O trabalho está em todo o lugar, e com a pandemia percebemos que as necessidades multiplicaram-se. Como salienta Han:

A sociedade do desempenho e a sociedade ativa geram um cansaço e esgotamento excessivos. Esses estados psíquicos são característicos de um mundo que se tornou pobre em negatividade e que é dominado por excesso de positividade. Não são reações imunológicas que pressuporiam uma negatividade do outro imunológico. Ao contrário, são causadas por um excesso de positividade. O excesso da elevação do desempenho leva a um infarto da alma (HAN, 2015, p. 70-71).

Contudo, salientamos que o tradicional não e nunca foi abolido, as novas tecnologias digitais devem potencializar o conhecimento. Não posso, por exemplo, escrever este artigo me desvinculando das regras da ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas), pois são necessárias para que haja inteligibilidade e padronização no ato de escrever. Esse exemplo demonstra que nem tudo que é tradicional deve ser abolido, assim como as aulas expositivas possuem seu valor e sua força. Mas devem



ser repensadas de acordo com o contexto sócio histórico em que estamos vivenciando, por exemplo, em uma aula de 50 minutos, existente tempo para a exposição do conteúdo, como para atividades em que haja espaços colaborativos, de interação entre os alunos.

O atualizar vai muito além dos diplomas acadêmicos, embora estes sejam consequência de luta, esforço e não estão dissociados do conhecimento. Os diplomas são constatações de um caminho em busca por um conhecimento significativo onde o professor percorreu com muito sacrifício, ardor e vontade de melhorar o processo de ensino aprendizagem.

A situação do professor também deve ser repensada em suas múltiplas realidade, pois o deslocar-se do trabalho físico, ou seja, do ambiente escolar, este teve que se deslocar para o ambiente virtual, sendo agora o garantidor responsável pelo ensino. Energia elétrica, computadores, celulares e internet rápida, em tempos de pandemia seriam necessidades obrigatórias urgentes para que o professor estivesse equipado sem o risco de perder o seu emprego.

[...] ao considerar um espaço dos conhecimentos no qual todos os indivíduos possuem zonas de competências, cada um pode se definir a partir de sua própria mestria. Essas zonas se tornam ilhas de confiança e servem de base para a exploração e a apropriação de novos conhecimentos. O indivíduo não mais é marcado a partir do que ele não sabe (atitude que tende a excluí-lo), mas a partir do que sabe. Esse reconhecimento instaura uma dinâmica psicológica e social positiva a partir da qual o excluído pode definir um projeto de formação, primeiro passo em direção à inserção (LÉVY; AUTHIER, 1995, p. 152).

Além disso, o professor passou a ser estudante. Perguntar aos alunos como se usa as plataformas digitais, pedir ajuda para edição e construção de vídeos passou a fazer parte do novo normal. Esses acontecimentos, dentre tantos outros, demonstram como a educação do século XXI está desconectada com a educação

formal pautada no enrijecimento dos conteúdos e das práticas educacionais. Fazendo com que o aluno aguçado pela curiosidade faça-se presente nas dinâmicas interativas por meio de sua produção.

Apresentação do blog de atividades dos alunos: Blog O Corujinha em Ação

Alunos da mais tenra idade chegam ao espaço escolar com conhecimento. A família, os meios digitais, a interação com seus amigos em casa ou no parque, os filmes, desenhos animados, a religião, dentre outros aspectos. É salutar a diversidade de conhecimento trazida pelo sujeito para o ambiente escolar.

Nas aulas expositivas de filosofia para o ensino médio percebia alunos prestando atenção e anotando o conteúdo, outros desenhando em seus cadernos, outros criando poesias, paródias e contos sobre mitologia. Isso fez com que percebesse o quanto o universo da sala de aula é dinâmico, e que quando partimos de nosso interesse, ou seja, daquilo que nos motiva o conteúdo torna-se mais significativo e dinâmico. Como nos apresenta Rogers,

É uma aprendizagem que provoca uma modificação, quer seja no comportamento do indivíduo, na orientação futura que escolhe ou nas suas atitudes e personalidade. É uma aprendizagem penetrante, que não se limita a um aumento de conhecimento mas que penetra profundamente todas as parcelas da sua existência. (ROGERS, 2001, p. 01)

Com a pandemia, situação de isolamento social. Diria isolamento físico, mas não virtual. Pois as relações virtuais são frutos do século XXI, percebi em minha prática docente o quanto a criatividade dos alunos podem ser exploradas nas salas virtuais.

Sabendo que o nome Corujinha remete-se a mitologia grega, onde a coruja é a mascote da deusa Atenas resolveu de forma democrática criar um blog com o nome Corujinha em Ação. Assim este



poderia proporcionar um destaque para o ensino de filosofia para crianças que deve ser totalmente diferenciado do ensino de filosofia no Ensino Médio. Contudo em ambos, ou seja, quer seja no ensino fundamental como no médio, salientando que a criatividade, a interatividade, a cooperação solidária devem estar evidentes no processo de ensino de filosofia.

O Blog apresenta-se dividido em séries onde os alunos postaram desenhos de sua representação sobre os conteúdos de filosofia estudados, demonstrando muito zelo, pontualidade na entrega de seus trabalhos, como orgulho de estarem representados no ambiente escolar por meio do blog não a penas pela nota fechada de um conteúdo, mas sim por aquilo que eles mesmos produziram.

Podemos encontrar o Blog Corujinha em ação por meio do seguinte endereço: <https://filosofiaensinofundamental.blogspot.com/>. Aqui é notório que o pensamento filosófico está representado por meio de desenhos, paródias e que o professor de filosofia descentraliza-se não mais como único portador de conhecimento, mas agora como professor mediador.

Em tempos de pandemia, percebemos que o blog foi uma estratégia salutar, que desempenhou um papel significativo no processo de ensino aprendizagem. Assim como também servirá para a elaboração de avaliações. Desta maneira o estudante percebe que o conhecimento não está fora dele. Se antes tínhamos que o conhecimento estava na figura do professor, agora entende-se que todo o conhecimento está no mundo da internet.

Veja só, com a criação do blog e de outras ferramentas, entendemos que o conhecimento está no sujeito aprendente. Este deve ser direcionado para as questões certas, formulando outras questões ao objeto e ai sim encontrarão o verdadeiro conhecimento.

Percebemos que as mídias digitais por meio da internet nos trazem informação. Não é à toa que muitos pensadores colocam

o século XXI como a sociedade da informação. Mas, seria informação sinônimo de conhecimento?

Foi justamente por esta experiência da construção do blog que percebemos de forma concreta que o conhecimento é um processo construído pelo pesquisador. O aluno (do latim significa sem luz), agora é o principal agente, que precisa de um mediador que o professor, para chegar a construir um conhecimento significativo.

Conclusão

Este artigo não pretende de forma alguma apresentar o único caminho viável para o processo de ensino aprendizagem em filosofia, mas procura demonstrar por uma experiência significativa em uma escola, uma forma de vincular a construção de um conhecimento significativo.

Os desafios encontrados pela pandemia são inúmeros, e no meio educacional percebemos que houve um descortinar de problemas diversos que estavam velados, tais como: acesso à internet, computadores nas escolas, baixos salários de professores, educação EaD, dentre outros aspectos.

A aprendizagem significativa coloca o sujeito aprendente, ou seja, o estudante como protagonista de seu aprendizado, mas as condições devem ser dadas a todos de forma igual. Evidenciamos que as regiões do nosso país são múltiplas e todas apresentam as suas fragilidades. Desta maneira lançamos um olhar também sobre o docente. Quem é o docente? É um ser humano que está inserido nessa sociedade da informação como um aprendiz. Assim, não é o professor da Escola Nova, onde o aluno é o centro, mas o professor ainda é o detentor do conhecimento. E sim como facilitador do processo de ensino aprendizagem, que busca diante dos meios em que está inserido outras possibilidades para o enfrentamento das problemáticas vigentes.

O uso do blog está longe de solucionar todos os problemas, mas é com



certeza um meio que favorece uma relação dialética entre o estudante, professor mediador e o conhecimento. Afinal, o conhecimento como destacamos, só tem sentido e significado quando deixa de ser informação. As informações coletadas nas aulas expositivas, entram em diálogo com a vida pensante do estudante, e este sente-se motivado a dar uma contribuição significativa ao ambiente escolar.

Referências

BASSANI, Patrícia Scherer. **Análise das interações em ambientes virtuais de aprendizagem**: uma possibilidade para avaliação da aprendizagem em EAD, 2011. RENOTE, 2006 - seer.ufrgs.br Disponível em:
www.seer.ufrgs.br/renote/article/download/14044/7932

BICUDO, M.A.V. **A contribuição da fenomenologia à educação**. In: MARIA APARECIDA VIGGIANI BICUDO; ISABEL F. CAPPELLETTI (Org.). **Fenomenologia**: uma visão abrangente da Educação. v. 1. São Paulo: Olho d'Água, 1999. p. 11-51.

_____. **Sobre a fenomenologia**. In: BICUDO, M. V.; ESPÓSITO, V. H. C. (Org.). **A Pesquisa qualitativa em educação: um enfoque fenomenológico**. Piracicaba: UNIMEP, 1994.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Tradução de Enio Paulo Giachini. 2 ed. ampl. Petrópolis, Vozes, 2017.

GADOTTI, Moacir. **Boniteza de um sonho**: ensinar e aprender com sentido. São Paulo: Grubhas, 2003. Disponível em:
<http://smeduquedecaxias.rj.gov.br/nead/Biblioteca/Forma%C3%A7%C3%A3o%20Continuada/Artigos%20Diversos/BONITEZA%20DE%20UM%20SONHO%20Ensinar-e-aprender%20com%20sentido%20-%20gadotti.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2020.

LÉVY, P. and Authier, M., **As árvores de conhecimentos**, Escuta, 1995.

LIMA, M.R.; BATISTA, E.L. A pedagogia histórico-crítica como teoria pedagógica transformadora. In: MARSIGLIA, Ana Carolina Galvão; BATISTA, Eraldo Leme [orgs.]. **Pedagogia histórico-crítica desafios e perspectivas para uma educação transformadora**. 1.ed. Campinas: Autores associados, 2012.

MIRANDA, Antonio. **Sociedade da informação**: globalização, identidade cultural e conteúdos. Ci. Inf., Brasília, v. 29, n. 2, 2000. Disponível em:
https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0100-19652000000200010&lng=en&nrm=iso&tlng=pt Acessado em: 09 de jul. de 2020.

ROGERS, Carl R. **Tornar-se pessoa**. 5. Ed São Paulo: Martins, 2001.